

Lingue e Linguaggi  
Lingue Linguaggi (2020), 29-45  
ISSN 2239-0367, e-ISSN 2239-0359  
DOI 10.1285/i22390359v35p29  
http://siba-ese.unisalento.it, © 2020 Università del Salento  
This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/)

# O DISCURSO CIENTÍFICO MEDIADO PELA WEB Legendar videoverbetes entre tipologias textuais, línguas especiais e problemáticas tradutórias

GIAN LUIGI DE ROSA  
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI ROMA TRE

**Abstract** - The aim of the present work is twofold. On one hand, the analysis will focus on the characteristics of Brazilian academic speech, basing on the videoverbetes of the *Enciclopédia audiovisual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do discurso e áreas afins*, a web-mediated audiovisual project which collects the speeches of Brazilian scholars specialized in Discourse Analysis (and other areas), coordinated by Bethania Mariani of the Laboratório Arquivos do Sujeito of the Departamento de Ciências da Linguagem, da Universidade Federal Fluminense (UFF). On the other hand, the analysis will consider and describe the problems which may occur in the subtitling of this hybrid textual genre in Italian. Furthermore, the videoverbetes will be compared and contrasted with another hybrid text genre: the TED (Technology, Entertainment, Design) talks, a web-mediated genre, which shares common features with the academic discourse.

**Keywords:** web-mediated genres; popularisation; multimedia communication; subtitling; Brazilian Portuguese.

## 1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo investigar, de um lado, as características da fala acadêmica monitorada, presente nos videoverbetes da *Enciclopédia audiovisual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do discurso e áreas afins* (Mariani 2016, 2018), organizados a partir das falas, em português brasileiro, de pesquisadores especialistas em Análise do Discurso (e outras áreas),<sup>1</sup> e do outro, as problemáticas da legendagem para o italiano desse gênero textual híbrido. Na análise pretende-se também comparar, contrastivamente, os videoverbetes com outro gênero textual híbrido: os TED (Technology, Entertainment, Design) talks, gênero mediado pela web – em formato de vídeo –, que partilham características do discurso científico e acadêmico (Caliendo e Compagnone 2014; Gotti 1991, 2003, 2005; Gotti e Šarčević 2006; Gotti e Giannoni 2006; Kermas e Christiansen 2013).

<sup>1</sup> As transcrições dos videoverbetes fazem parte do Corpus do PB – *Fala Acadêmica Monitorada* (responsáveis científicos Gian Luigi De Rosa e Bethania Mariani).

TED talks are a series of short popularizing talks (of approximately twenty minutes), addressing a mass audience and delivered by top-level experts in a wide variety of domains. TED is an acronym that stands for Technology, Entertainment and Design, the three original domains in which the talks were delivered. All TED talks are made freely available in video format on the web page of TED, a non-profit organization whose stated mission is the dissemination of ‘Ideas Worth Spreading’. (Caliendo e Compagnone 2014, p. 105)

Embora em ambos os gêneros o relator seja um acadêmico, tanto o propósito comunicativo quanto as expectativas de audiência diferem substancialmente nos dois contextos em análise. Esta comparação destaca alguns traços distintivos dos TED talks e dos videoverbetes, oferecendo uma melhor percepção destes dois gêneros.

Os 36 (até agora) videoverbetes da *Enciclopédia audiovisual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do discurso e áreas afins* (ENCIDIS) fazem parte de um projeto audiovisual mediado pela web – ideado e coordenado por Bethania Mariani do Laboratório Arquivos do Sujeito do Departamento de Ciências da Linguagem, da Universidade Federal Fluminense. Esse projeto vem sendo organizado desde 2013, com o apoio inicial da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ 2013-2016), e, em seguida, do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq 2017-2020).

Os videoverbetes não podem ser considerados ‘popularizing’, num sentido restrito, como os TED Talks, mas, apesar disso, os coordenadores do projeto pretendem atingir um público de estudiosos e estudantes e popularizar verbetes da Análise do Discurso numa audiência mais ampla. A característica dos videoverbetes é que eles são gravados e escritos em português brasileiro (PB) e se apresentam ao público internacional com legendas, por enquanto só em inglês, francês e italiano. Quanto à duração, eles normalmente não superam os 5/6 minutos e podem ser vistos no canal YOUTUBE da Enciclopédia e no site <http://www.encidis-uff.com.br>.

Todavia, diferentemente dos TED Talks, não há público<sup>2</sup> presente durante as gravações e apenas usuários da web podem acessar. Enfim, se trata em ambos os casos de eventos comunicativos planejados, onde os speakers podem utilizar recursos multimodais (limitados às imagens nos videoverbetes) e uma variedade diamésica (mediada pela web) que oscila entre um registro formal e um registro semiformal (principalmente nos TED talks).

<sup>2</sup> Nos videoverbetes há quase exclusivamente um auditório composto por usuários da web, enquanto nos TED talks há um auditório “at two levels: a group of co-present participants attending the TED conference and web-users at home”. (Caliendo e Compagnone 2014)

## 2. Os videoverbetes entre gêneros, tipologias e funções textuais

Para poder analisar os videoverbetes utilizaremos o modelo de classificação dos tipos textuais de Sabatini (1990, 2016), para quem os tipos textuais podem ser classificados segundo o grau do vínculo interpretativo que o emissor oferece ao destinatário, ou seja, os graus de “rigidez” introduzidos no pacto comunicativo entre emissor e destinatário.

Nessa abordagem teórica, o destinatário, intérprete do texto, tem um papel decisivo na definição da natureza do texto através do pacto que o emissor estabelece com o destinatário, intérprete do texto, capaz de determinar a estrutura profunda e superficial do texto.

O parâmetro fundamental que orienta o comportamento do emissor é dado pela sua intenção de regular e de veicular – de maneira mais ou menos rígida (explícita) – a atividade de interpretação do destinatário. Se o emissor quer que o texto tenha uma interpretação quanto mais unívoca possível, ele projeta o texto para que a opacidade possa ser mínima.

O *continuum* entre os polos de “rigidez” (vínculo máximo) e de “elasticidade” (vínculo mínimo) identifica três grandes categorias de tipologias textuais: Textos Rígidos, Textos Semirrígidos e Textos Elásticos, que se distinguem pela presença/ausência de alguns traços linguísticos ligados a fatores como:

- 1) estrutura geral do texto;
- 2) coerência lógica;
- 3) sistema de conectivos de coesão textual (morfossintáticos, semânticos, prosódicos e sonoros);
- 4) emprego de vários tipos de construção da frase;
- 5) uso da pontuação;
- 6) aspecto gráfico do texto (Sabatini 1990, p. 637).

Nas tabelas a seguir, ilustraremos as três tipologias textuais ao longo do *continuum* entre o polo rígido e o polo elástico, evidenciando a função e os gêneros textuais (Sabatini 1990, 2016).

<b>Tipologia Textual</b>	<b>Função Textual</b>	<b>Gêneros Textuais</b>
	Estabelecer Normas e Direitos.	Leis, Alvarás, Regulamentos.
<b>Textos Rígidos (Vínculo Máximo)</b>	Definir e descrever com exatidão fenômenos, objetos, lugares e acontecimentos.	Documentos de identidade, Certificados, Tratados Científicos e projetos.
	Fornecer instruções precisas para realizar operações.	Textos Técnicos (Manuais de instruções).

Tabela 1  
Textos Rígidos.

<b>Tipologia Textual</b>	<b>Função Textual</b>	<b>Gêneros Textuais</b>
	Explicar uma disciplina a quem não a conhece.	Manuais de Estudo.
	Argumentar ideias.	Ensaaios de crítica.
<b>Textos Semirrígidos (Vínculo Médio)</b>	Dar conselhos práticos e de comportamentos.	Guias Turísticos.
	Tornar simples conhecimentos complexos.	Literatura de divulgação.
	Difundir informações comuns e guardar memórias de fatos, lugares e pessoas.	Artigos de jornais, diários.

Tabela 2  
Textos Semirrígidos.

<b>Tipologia Textual</b>	<b>Função Textual</b>	<b>Gêneros Textuais</b>
	Representar mitos, lendas e vicissitudes humanas na cena;	Roteiros de uma peça teatral, de um filme ou de um produto ficcional televisivo.
<b>Textos Elásticos (Vínculo Mínimo)</b>	Reelaborar fatos parcialmente verdadeiros, representar mundos fantásticos.	Textos de narrativa; romances de aventura.
	Compartilhar a própria experiência existencial.	Textos poéticos.

Tabela 3  
Textos Elásticos.

### 3. TED talks & videoverbetes: características textuais em comparação

Analisando as características textuais dos videoverbetes e dos TED talks, podemos inclui-los nos gêneros textuais semirrígidos por serem uma mistura de aula acadêmica [-rígida] e de conferência científica [+rígida]. De fato, podemos afirmar que, apesar de apresentar características distintas daquelas dos TED talks, o processo de popularização do Discurso Científico através da divulgação mediática deslocou parcialmente a tipologia textual dos videoverbetes do Discurso Científico Especializado (tipologia textual rígida) ao Discurso de Semidivulgação Científica (tipologia textual semirrígida).

Sabatini (2016, p. 141) afirma que os textos que podemos definir semirrígidos propõem “conoscenze nuove” e solicitam “una comprensione graduale, attraverso spiegazioni successive ed esempi” e continua evidenciando que nessa tipologia de textos a forma linguística “deve liberarsi dell’estremo rigore e proporre più agevoli e a volte molteplici formulazioni dei concetti”.

Os textos semirrígidos e elásticos têm em comum a presença de traços de elasticidade, configurando-se como tipologias claramente diferentes dos textos rígidos, que excluem esses traços. De fato, em textos semirrígidos é possível encontrar trechos de elasticidade como o uso de paráfrases e sinônimos, juntamente com trechos de rigidez, como a codificação e repetição de termos técnicos e científicos. Assim podemos contemplar, dentro da categoria de textos semirrígidos, um *continuum* que vai desde gêneros textuais, que permitem poucos traços de elasticidade (no nosso caso, os videoverbetes), até gêneros particularmente densos (no nosso caso, a maioria dos TED talks).

Para evidenciar esses traços, iremos considerar, ao longo do *continuum* Rígido/Elástico, uma série de fenômenos que contemplam: a arquitetura das informações, o léxico, a pontuação e a estrutura dos enunciados. Enfim, considerando que seja os videoverbetes seja os TED talks podem ser considerados gêneros textuais semirrígidos, suas características deveriam oscilar entre os dois polos do *continuum*, assim como ilustramos na tabela a seguir:

Polo da Rigidez	Polo da Elasticidade
Arquitetura das informações explícita e clara.	Arquitetura das informações implícita e parcialmente opaca.
Léxico preciso com uso de termos técnicos.	Léxico com sentido conotativo e figurado.
Pontuação prevalentemente lógica.	Pontuação prevalentemente rítmico-expressiva.
Os enunciados textuais são construídos como frases-tipo e com todas as valências verbais satisfeitas.	Os enunciados textuais podem não apresentar a forma de frases-tipo, nem ter todas as valências verbais satisfeitas.

Tabela 4  
Fenômenos considerados

A classificação das tipologias textuais do modelo de Sabatini realiza-se analisando diretamente a superfície linguística dos textos. Portanto, é natural considerar que as diferenças tipológicas se resolvam em diferenças de estilo. Sabatini (2016) considera isso um dado de fato, evidenciando, porém, o que se deve reconhecer é o fato de que esses “traços estilísticos” não são apenas escolhas individuais, mas, sendo numerosos, fazem sistema, apresentando-se tipicamente em classes de textos que têm uma clara afinidade em termos de função ilocutória.

Cruzando esses fenômenos de forma contrastiva, podemos ver como nos TED talks, apesar de apresentar uma arquitetura das informações explícita e clara, não se registra um léxico especialista, nem particularmente técnico. Quanto à dimensão diafásica, tendencialmente, a variedade diamésica dos TED talks se aproxima mais de uma variedade de uso comum do que de uma língua especial com léxico setorial e científico. Se comparado à linguagem-tipo do discurso científico das aulas acadêmicas e das palestras ou das conferências científicas, sobressai um registro menos formal e a possibilidade de usar figuras retóricas e, em alguns casos, um tom humorístico. Enfim, podemos indicar – como ponto de maior distância entre os TED talks e os outros gêneros textuais que veiculam o discurso científico (que são mais argumentativos e expositivos) – a possibilidade de empregar estratégias mais próximas de uma tipologia elástica, como a narração, para argumentar ideias ou difundir conhecimentos, compartilhando a própria experiência existencial.

No caso dos videoverbetes, eles apresentam uma arquitetura das informações explícita e clara, que vem acompanhada por um léxico técnico e setorial. Outra diferença de um certo relevo é representada pelo fato que a variedade diamésica empregada pelos speakers é, *grosso modo*, um subcódigo especialista no qual se registram interferências da variedade neo-standard do PB,<sup>3</sup> oscilando entre um registro mais formal e um registro semiformal. Enfim, as funções textuais que podem ser identificadas nos videoverbetes são de tipo cognitivo, expositivo e argumentativo. De fato, cada vídeo ilustra um verbe de da Enciclopédia, tentando explicá-lo a quem não o conhece, mas que deve ter instrumentos cognitivos adequados para decodificá-lo. A diferença principal é que, como já dissemos, não se ativam as estratégias de popularização do discurso científico que encontramos nos TED talks.

Na tabela 5, ilustramos de maneira detalhada as diferenças entre esses dois gêneros textuais híbridos mediados pela web, sintetizando os pontos mais salientes:

<sup>3</sup> O PB neo-standard é a variedade de PB de uso comum, empregada por locutores cultos urbanos brasileiros e que pode se considerar como um novo standard em formação, cujas construções, formas e realizações mais salientes se registram também nos gêneros textuais falados e escritos mais monitorados, como é o caso dos videoverbetes.

TED Talks	Videoverbetes
1) Léxico simplificado com uso limitado de uma terminologia técnico-científica.	1) Amplo uso de terminologia técnico-científica setorial.
2) Registro informal e tom humorístico.	2) Registro formal/semiformal e ausência (quase-total) de tom humorístico.
3) Possibilidade de usar a narração para argumentar as próprias ideias, envolvendo o público destinatário <i>in loco</i> através de experiências pessoais.	3) O uso de experiências pessoais é quase ausente, assim como a narração, para fins argumentativos.
4) A <i>Location</i> (estúdio de gravação) do evento comunicativo é mais informal e favorece o processo de popularização do discurso científico.	4) A <i>Location</i> (gabinete universitário) do evento comunicativo é mais formal e não favorece o processo de popularização do discurso científico.
5) Importância da comunicação não verbal no evento comunicativo.	5) A comunicação não verbal é muito limitada.
6) Tendência a incluir o público alvo (em presença e em remoto) no evento comunicativo através de formas pronominais inclusivas.	6) Há uma separação nítida e clara, como no discurso científico standard, entre o relator e o destinatário ( <i>web-user</i> ).

Tabela 5

Enfim, para concluir essa seção, destacamos mais um ponto que caracteriza os dois gêneros e que é fundamental para entender as razões de certas estratégias tradutórias aplicadas no processo de legendagem, isto é: a velocidade de elocução dos relatores. De fato, não se pode desconsiderar quanto isso influi diretamente no tecido lexical das legendas, em termos quantitativos, e nos tempos de exposição na tela.

Portanto, se, nos TED talks, a velocidade e o ritmo de elocução pautado permitem uma legendagem quase ao pé da letra, com uma redução do tecido lexical muito limitada, nos videoverbetes, a velocidade de elocução é quase sempre muito alta e isso comporta uma elevada taxa de redução do tecido lexical.

#### 4. A fala acadêmica monitorada dos videoverbetes

Os videoverbetes, como dissemos, são eventos comunicativos planejados, nos quais os relatores podem utilizar recursos multimodais, mesmo se limitados às imagens, e uma variedade diamésica (mediada pela web).<sup>4</sup> Essa variedade diamésica, ou seja, a fala acadêmica monitorada dos videoverbetes, pode ser considerada uma língua especial devido ao seu alto grau de especialização e pelo fato de apresentar um léxico específico e especializado e modalidades próprias para a formação de neologismos ou para estruturar os textos (Cfr. Sobrero 2006, p. 239).

Isso nos leva a assumir uma perspectiva sociolinguística – a partir dos diferentes eixos de variação do sistema linguístico e focando no nível de análise

<sup>4</sup> Por *variação diamésica* entenda-se a capacidade de uma língua de variar conforme o meio e o canal de transmissão utilizado, seja ele escrito (gráfico-visual) ou falado (fônico-acústico): *continuum* Fala-Escrita.

sincrônica (D’Achille 2010) – para definir uma língua especial, que é identificada principalmente por uma variável diamésica, conforme o meio, o canal de transmissão utilizado e a modalidade de língua empregada, se falada, escrita ou transmitida (como no nosso caso), e por uma variável diafásica ligada à situação comunicativa e à relação entre os interlocutores que determina a escolha de um determinado registro linguístico (formal/informal) ou traços léxicos/sintáticos específicos.

A tal propósito, Berruto (2004, p.156) propõe uma classificação para identificar as línguas especiais, colocadas principalmente na dimensão de variação diafásica.

- a) le lingue speciali in senso stretto, cioè i sottocodici veri e propri, forniti e contrassegnati da un proprio lessico particolare ed eventualmente da tratti di morfosintassi e testualità caratteristica;
- b) le lingue speciali in senso lato, che non hanno propriamente un lessico specialistico ma sono comunque strettamente legate ad aree particolari extralinguistiche di impiego, e sono caratterizzate da scelte lessicali e da formule sintattiche e testuali;
- c) i gerghi, che hanno un lessico particolare con propri meccanismi semantici e di formazione delle parole ma senza il carattere di nomenclatura, e sono legati non a sfere di argomenti ed aree extralinguistiche, ma piuttosto a gruppi o cerchie di utenti (i gerghi sono in effetti allo stesso tempo varietà diafasiche e diastratiche).

A fala acadêmica monitorada dos videoverbetes é uma língua especial em *stricto sensu* ou, segundo Sobrero (2006), uma língua especialista.<sup>5</sup> Todavia, apesar de ser um subcódigo especialista, pelo fato de ser uma variedade diamésica oral numa tipologia textual semirrígida como a do discurso de Semidivulgação Científica, registramos a presença de uma série de construções e de fenômenos sintáticos típicos do PB neo-standard que demonstra uma certa interferência, permitindo o esboço de um *continuum* entre o PB técnico-científico e PB neo-standard. A seguir, apresentamos exemplos das construções que foram encontradas na nossa amostra: construções relativas cortadoras (“...dependendo do corpus Ø que você tá trabalhando”, *Lugar Discursivo*); um maior preenchimento do sujeito referencial do que no PB standard em relação a sujeitos pronominais com correferente [±humano]; o emprego de estratégias inovadoras para o sujeito de referência arbitrária: VOCÊ, A GENTE e a 3PS, resultado do apagamento do “SE” indeterminante (“Quando Ø fala, quando SE fala em discurso, A GENTE fala em tecido, né?”, *Sujeito e Língua*); construções de tópico marcado como o

<sup>5</sup> “Alcune lingue speciali riguardano discipline ad alto grado di specializzazione (come la fisica, l’informatica, la linguistica): le chiameremo «lingue specialistiche» (LSP).” (Sobrero 2006, p. 239).



deslocamento à esquerda de sujeito (“Esse conceito ele foi formulado...”, *Memória Metálica*); construções existenciais com o verbo TER, mesmo não sendo a opção mais utilizada (“...tem muita gente que tem que ajudar...”, *Sujeito e Língua*); e construções com verbos perceptivos e causativos em que o sintagma nominal que desempenha a função de sujeito do infinitivo nas frases encaixadas, quando é expresso por um pronome pessoal, apresenta forma do nominativo (“o regime de sentido que intervém naquele gesto e faz ele significar”, *Gesto*) (De Rosa, no prelo).

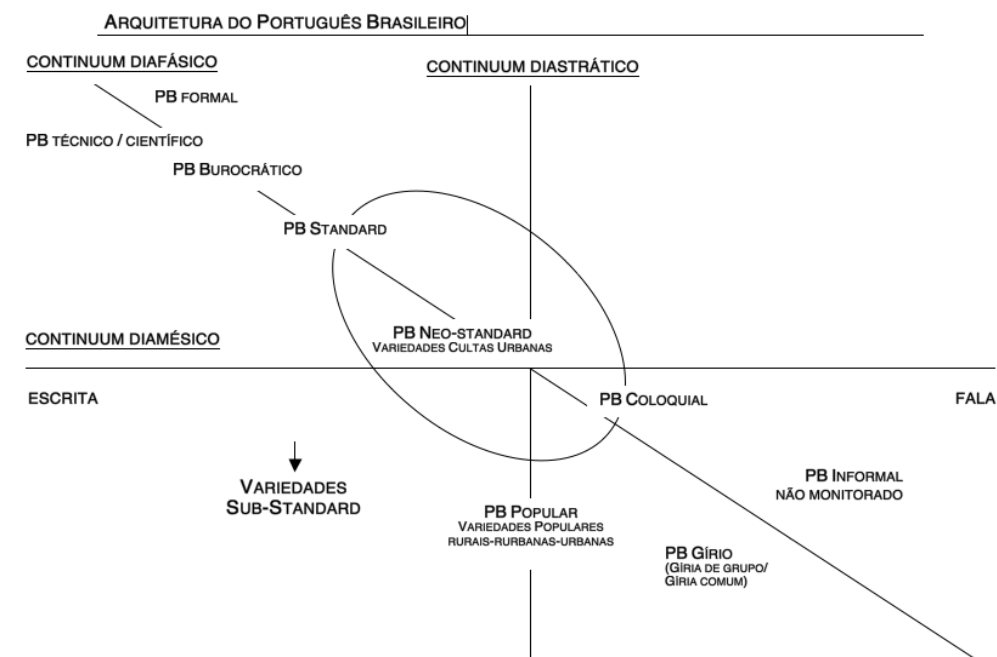


Figura 1.  
Arquitetura do português brasileiro

Contudo, podemos afirmar que a fala acadêmica monitorada dos videoverbetes, pela tipologia textual e pelas funções textuais, caracteriza-se pelo uso de uma linguagem monorreferencial, na qual a univocidade de conceitos é pretendida.

Molto spesso, infatti, la divulgazione presso il grande pubblico delle conoscenze scientifiche si scontra con un problema di fondo, cioè con la radicale differenza tra la lingua scientifica (in particolare il lessico, che risponde al requisito della massima individuazione e soggiace ad un rapporto biunivoco con il referente) e la lingua comune (che a causa del suo carattere polisemico e vago può essere equivoca). (Cortelazzo 1994, pp. 28-29)

Projeta-se o texto para que apenas um significado por termo seja admitido, sem qualquer presença de sinônimos para evitar ambiguidades e para garantir a absoluta

clareza do conteúdo.<sup>6</sup> Desta forma, tenta-se assegurar uma clareza de conceitos, que são percebidos de forma direta e imediata.

A differenza della lingua comune, nel linguaggio speciale esiste una relazione tendenzialmente biunivoca fra il *termine*, cioè «la designazione, mediante un'unità linguistica, di un determinato concetto in un linguaggio speciale, che può essere costituito da una o più parole o anche da simboli» (ISO 1087, punto 5.3.1.2), il *concetto* «l'unità di pensiero costituita per astrazione sulla base delle proprietà comuni ad un insieme di oggetti (percepiti e concepiti)» (ISO 1087 punto 3.1) e l'*oggetto* «l'elemento della realtà che può essere percepito o immaginato» (ISO 1087, punto 2.1). *Termine*, *concetto* e *oggetto* sono essi stessi termini definiti nel vocabolario della terminologia della norma ISO 1087 «Terminologia-Vocabolario», elaborata dall'organismo internazionale per la normazione – *International Organization for Standardization* – che ha il compito di definire i termini dei linguaggi speciali per il loro uso corretto. (Vellutino 2018, p. 60)

Claramente, essa pretensa univocidade dos termos utilizados é adotada de forma específica, de acordo com o campo em questão, uma vez que o mesmo termo em outro contexto fora do campo de referência da Análise do Discurso pode assumir uma conotação diversa e veicular um sentido diferente.

## 5. Legendar videoverbetes

A legendagem interlinguística é a transposição escrita de um texto audiovisual para uma outra língua diferente e permite propor – através de um texto escrito posto na parte baixa e central da tela - uma tradução condensada dos diálogos originais (às vezes também de *display* e didascálias). Entretanto, assim como acontece com outras modalidades de Tradução Audiovisual, a legendagem está subordinada a diferentes sistemas semióticos verbais e não verbais, acústicos e visuais. Além disso, passando-se de um código oral a um código escrito, realiza-se uma transposição em termos diamésico que determina a definição da legendagem como modalidade tradutória diagonal (Gottlieb, 1994).

As escolhas tradutórias de quem legenda são limitadas pela presença de elementos não-verbais, bem como pelos vínculos espaço-temporais, como: a) disposição das legendas na tela (normalmente em baixo e no centro); b) espaço a ser utilizado (2/3 em extensão); c) comprimento das linhas (33-40 caracteres; melhor não produzir legendas com menos de 4-5 caracteres); d) tempo de exposição (de um segundo e meio para as legendas mais curtas aos 6-7 segundos para as legendas mais compridas); e) legibilidade (vinculada à escolha do caráter e à parte de tela onde aparecem as legendas); f) *spotting*/segmentação

<sup>6</sup> Todavia, somos conscientes que as palavras são naturalmente medidoras de sentido e que não portam todo o sentido pretendido, mesmo nos textos rígidos nos quais se empregam línguas especiais e um léxico especializado. Apesar da suposta univocidade, nem sempre a interpretação pragmática do destinatário é 100% recuperável.

(distribuição do texto: máximo duas linhas) e g) *timing* de entrada e de saída das legendas (não se trata de uma sincronização rígida como no caso da dublagem).

A transformação diamésica obriga aquele que legenda a adaptar a fala do original às convenções da linguagem escrita e, muito frequentemente, isso implica uma elevação em termos diafásicos.

Podemos afirmar, portanto, que a dimensão tradutória da legendagem tem uma composição que poderíamos definir como tridimensional, na qual se combinam, na prática do processo tradutório, a tradução propriamente dita, a redução do tecido lexical e a transformação diamésica (da fala para a escrita).

Quanto às estratégias tradutórias, é importante distinguir macroestratégias e microestratégias: as macroestratégias enfocam o processo tradutório na sua complexidade (*Source-text oriented macrostrategy* e *Target-text oriented macrostrategy*), enquanto as microestratégias lidam com específicos problemas de tradução nos níveis de palavras e frases (Schjoldager et al., 2008, p. 89).

Uma vez que se decide a macroestratégia, pode-se adotar uma ou mais microestratégias tradutórias, conforme o gênero, a tipologia textual, o destinatário, o *status* e a estrutura das línguas envolvidas no processo tradutório e, enfim, o grau de (in)traduzibilidade devido à distância/proximidade entre a língua do texto original e a língua do texto de chegada. Existem vários modelos de microestratégias tradutórias, adotados por profissionais da tradução audiovisual. Gottlieb (1992, p.166) distingue dez tipologias:

<i>Type of strategy</i>	<i>Character of translation</i>	<i>Media Specific Type</i>
1. Expansion	Expanded expression, adequate rendering (culture-specific references etc)	No!
2. Paraphrase	Altered expression, adequate content (non-visualised language-specific phenomena)	No!
3. Transfer	Full expression, adequate rendering ('neutral' discourse – slow tempo)	No!
4. Imitation	Identical expression, equivalent rendering (proper nouns, international greetings etc.)	No!
5. Transcription	Anomalous expression, adequate rendering (non-standard speech etc.)	Yes!
6. Dislocation	Differing expression, adjusted content (musical or visualised language-specific phenomena)	Yes!
7. Condensation	Condensed expression, concise rendering (normal speech)	Yes!
8. Decimation	Abridged expression, reduced content (fast speech of some importance)	Yes!
9. Deletion	Omitted expression, no verbal content (fast speech of less importance)	Yes!
10. Resignation	Differing expression, distorted content ('untranslatable' elements)	No!

Mesmo se se apresenta extremamente detalhado, o modelo de Gottlieb é difícil de se aplicar - como foi já demonstrado por outros pesquisadores (Perego 2005 p. 119), - pelo fato que, às vezes, as diferenças entre as várias estratégias são quase imperceptíveis.

A necessidade de simplificar esse modelo foi sentido por vários autores, entre eles Gambier (2007), que propôs três microestratégias:

- 1) *réduction* (redução);
- 2) *simplification de la syntaxe* (simplificação da sintaxe); e
- 3) *expansion* (expansão)

e Lomheim (1999, p. 202), que, sintetizando o modelo de Gottlieb formulou seis microestratégias:

- 1) Omission (omissão de elementos);
- 2) Compression (transmitir a mensagem de forma mais compacta);
- 3) Expansion (adicionar informação);
- 4) Generalisation (ou Hiperonímia; substituir uma palavra por um hiperônimo);
- 5) Specification (ou Hiponímia; substituir uma palavra por um hipônimo); e
- 6) Neutralisation (substituir uma palavra com um significado conotativo por uma neutra).

Além de algumas diferenças e pontos de contato entre os modelos de Gottlieb e Lomheim (Perego 2005; Georgakopoulou 2010), Bianchi (2015, p. 10) evidencia como esses dois modelos podem se restringir a três macroáreas estratégicas: “reducing text length (text reduction); clarifying meaning (explicitation); and reformulating (reformulation)”. Por fim, o legendador, orientado pela macroestratégia tradutória escolhida (*Source-text oriented* e *Target-text oriented*), pode traduzir e legendar aplicando mais microestratégias ou confluir em uma ou mais macroáreas estratégicas.

No processo de tradução e legendagem para o italiano dos videoverbetes da *Enciclopédia audiovisual*, podemos evidenciar, seguindo o modelo de Gottlieb, a atuação de três principais microestratégias:

### 1) Condensação

O uso de uma expressão condensada (tradução concisa) é equivalente a um tipo de redução parcial (baseado no modelo elaborado por Kovačič, 1994). A mesma mensagem é repetida no Metatexto numa forma linguística sintética. É um processo que se desenvolve a nível formal e não a nível de conteúdo.

<i>Discurso e Cinismo</i>	<i>Discorso e Cinismo</i>
<p><b>Essa questão do... do cinismo surgiu para mim através da... da leitura de textos que não são propriamente da... da análise do discurso</b> e... comecei na verdade com textos do Zizek, no livro do Zizek, que se chama <i>O sublime objeto da ideologia</i> e... também o texto do Vladimir Safatle que se chama <i>Cinismo e falência da crítica</i>. Eles me pareceram textos importantes para pensar a uma questão que me incomodava, mas que eu não conseguia elaborar teoricamente, que era um certo... uma certa maneira cínica de... de funcionar nas relações, enfim, políticas, afetivas, quotidianas.</p>	<p>La mia riflessione sul cinismo è nata a partire dalla lettura di testi non riguardanti l'analisi del discorso. A dire il vero, ho iniziato con i testi di Zizek, con il libro <i>L'oggetto sublime dell'ideologia</i>, e con il libro di Vladimir Safatle, <i>Cinismo e fallimento della critica</i>. Mi sono sembrati testi importanti per pensare a una questione che mi creava dei problemi, ma che non riuscivo a elaborare teoricamente: un determinato modo cinico di comportarsi nelle relazioni politiche, affettive, quotidiane.</p>

<i>Negação e negação discursiva</i>	<i>Negazione e negazione discorsiva</i>
<p><b>E aí a linguística diz mais que além de ser um universal linguístico e... as línguas apresentam sempre uma forma mais marcada para a negação do que para a afirmação, né?</b>, então a negação teria sempre algo a mais do que a afirmação.</p>	<p>Per la linguistica, oltre a essere un universale linguistico, la negazione ha sempre una forma più marcata rispetto all'affermazione. Quindi, la negazione avrebbe sempre qualcosa in più dell'affermazione.</p>

<i>Gesto</i>	<i>Gesto</i>
<p><b>Em verdade é a intervenção neste gesto de uma ordem simbólica, ou seja, de uma memória de sentido e uma ordem do discurso. Então qualquer gesto que você faça, qualquer ação que você faça, pode significar ou não e quando significa ela já significa por um sentido já dado;</b> então o que faz com que a palavra gesto se transforme num conceito analítico para a análise do discurso é a relação entre uma ação qualquer, um movimento qualquer e a ordem simbólica ou a formação discursiva, o regime de sentido, que intervêm naquele gesto e faz ele significar.</p>	<p>In realtà, è l'intervento in questo gesto di un ordine simbolico. Si tratta di una memoria di senso e del discorso. Qualsiasi azione o gesto che viene compiuto può avere o meno un significato. Quando ha un significato, è perché ne ha uno già esistente. Ciò che trasforma la parola "gesto" in un concetto analitico per l'AD è la relazione tra un'azione o un movimento qualsiasi e l'ordine simbolico o la formazione discorsiva, il regime di significato che interviene in quel gesto e lo dota di significato.</p>

## 2) Redução

O uso de uma expressão abreviada (redução de conteúdos significativos) leva a uma tradução compreensível (plenamente), privada de elementos com elevado potencial de informação, mas não essenciais. O processo de tradução funciona reduzindo tanto o nível expressivo como o de conteúdo.

<i>Negação e negação discursiva</i>	<i>Negazione e negazione discorsiva</i>
<p><b>Então, do ponto de vista da linguística, né?, a negação ela é entendida como..., estudada como sendo um dos universais linguísticos, né?, como um daqueles fenômenos que existem em todas as línguas que foram estudadas até agora, né?...</b></p>	<p>In linguistica, la negazione è intesa e studiata come uno degli universali linguistici. Fenomeni presenti in tutte le lingue studiate finora.</p>

### 3) Eliminação

O cancelamento envolve a omissão de expressões consideradas de pouca relevância (como por exemplo, todos os marcadores discursivos, além de outros traços da oralidade). Na prática, a fronteira entre redução e a eliminação é bastante tênue e este processo emerge claramente, quando são inteiros turnos conversacionais a ser omitidos.

<i>Lugar Discursivo</i>	<i>Luogo del Discorso</i>
<b>Então</b> , partindo dessa problematização em que o corpus na época me apresentava, <b>né?</b> , <b>na minha tese</b> , eu propus, <b>né?</b> , <b>desenvolvi</b> , <b>eh</b> , a noção de lugar <b>discurs...</b> discursivo, partindo dos seguintes questionamentos: <b>pensando</b> se <b>o lugar de...</b> o lugar é sinônimo de posição, <b>né?</b> , e se o lugar social pode ser confundido, <b>né?</b> , com o lugar discursivo, <b>ahh</b> .	Partendo da questa problematizzazione emersa nel corpus con cui stavo lavorando, ho proposto la nozione di luogo del discorso a partire da due questioni fondamentali: se luogo è sinonimo di posizione, e se il luogo sociale può confondersi con quello del discorso.

Os excertos das legendas italianas dos videoverbetes: *Negação e negação discursiva* de Carolina Fedatto; *Gesto* de Pedro de Souza, *Lugar Discursivo*, de Evandra Grigoletto e *Discurso e Cinismo* de Lauro José Siqueira Baldini comprovam as três microestratégias mais utilizadas pelos legendadores italianos dos videoverbetes.<sup>7</sup> Além disso, como se pode ver nos exemplos, a transformação diamésica, de um lado, e o fato de o discurso científico italiano ser mais formal, do outro, tiveram como consequência uma acentuada elevação diafásica nas legendas e, apenas em raros casos, a necessidade de explicitar o conteúdo, dada a tipologia de destinatário. De fato, se o objetivo do tradutor do discurso científico “is to produce a target text that has the same contents and communicative effect as the source text” (Scarpa 2001, p. 77), a elevação diafásica se torna necessária para reproduzir em italiano o efeito de sentido do original, que se completa na recepção.

## 6. Conclusões

Mesmo sendo um subcódigo especialista, a fala acadêmica monitorada dos videoverbetes analisados constitui uma variedade diamésica que revela evidentes aproximações da variedade de uso comum, aquela variedade que chamamos de PB neo-standard, mantendo, porém, um léxico especializado, próprio da linguagem setorial e científica da Análise do Discurso.

De fato, como já evidenciamos, mesmo sem nunca chegar a um registro informal, na maioria dos videoverbetes legendados destacamos o uso de um registro menos formal e muitas construções e fenômenos que caracterizam o PB neo-standard.

O emprego de uma série de construções típicas do PB neo-standard conseguiu superar também as barreiras das modalidades orais do discurso científico mediado pelo

<sup>7</sup> Marzia Buttazzo, Bianca Carlucci, Francesca Cirioli, Gian Luigi De Rosa e Alessia Fiorentino.

web, favorecendo a difusão de traços morfossintáticos inovadores e apresentando, às vezes, traços não-standard numa variedade linguística em que, até alguns anos atrás, tanto na forma escrita, quanto na fala, era impensável registrar a presença dessa tipologia de traços linguísticos.

Todavia, no processo de legendagem não conseguimos transpor, em termos de equivalência sociolinguística, essas construções neo-standard uma vez que se trata de discurso científico. De fato, o destinatário italiano desse tipo de gênero textual (mesmo no caso de tipologia semirrígida e voltada para a divulgação científica, como é o caso dos videoverbetes) não espera encontrar uma excursão muito acentuada para os polos não standard dos eixos de dimensão diafásica e diamésica, conforme o maior nível de formalidade que caracteriza o discurso científico na Itália (Katan 1999).

Portanto, podemos concluir dizendo que a legendagem dos videoverbetes para o italiano, devido às características desse gênero textual híbrido, do destinatário (em termos de expectativas), do meio de difusão/divulgação e pelo fato de ser fruto da transformação diamésica da fala acadêmica monitorada, nos levou: 1) a traduzir o léxico técnico-científico e setorial com equivalentes italianos mais precisos; 2) a elevar diafasicamente o texto; 3) a reduzir o tecido lexical do original de 20% a 40%; 4) a organizar o texto em frases-tipo monoclaúsula; e, enfim 5) a segmentar o texto, acrescentando uma pontuação lógica.

**Nota biográfica:** Gian Luigi De Rosa, PhD, é professor associado de Lingua e Traduzione – Lingue Portoghese e Brasiliana na Università degli Studi Roma Tre. Presidente da V edição do SIMELP - SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2015 (<http://www.simelp.it>). Foi Diretor da Cátedra I. Camões-Unisalento “Manoel de Oliveira” de setembro de 2015 até setembro de 2019. De 2014 a 2019 foi Diretor da Unisalento Summer School of Audiovisual Translation. Desde 2014 é membro do Grupo de Pesquisa Internacional “Rede de Estudos de Língua Portuguesa ao Redor do Mundo – RELPMUND (CNPq). Desde 2017 é membro, como Pesquisador Convidado, do Projeto de Pesquisa Internacional “Produção da Enciclopédia audiovisual virtual em análise do discurso e áreas afins: novos verbetes e legendagem para divulgação científica”, coordenado por Bethania Mariani (Instituto de Letras – UFF/CNPq). Desde 2017 é membro e Principal Investigator do Grupo de Pesquisa Internacional “I-FALA Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Reserach”. Desde 2018 é membro, como Pesquisador Convidado, do Projeto de Pesquisa Internacional “History, Circulation and Analysis of Literary, Artistic and Social Discourses”, coordenado por José L. Jobim e Silvio Renato Jorge (UFF/CAPES). É autor de vários ensaios dedicados à língua, à linguística portuguesa e brasileira e à tradução audiovisual e intersemiótica e é tradutor literário e audiovisual.

**E-mail do autor:** [gianluigi.derosa@uniroma3.it](mailto:gianluigi.derosa@uniroma3.it)

**Agradecimentos:** agradeço aos colegas e amigos, Vânia Casseb-Galvão, Bethania Mariani e Roberto Mulinacci, pela contribuição advinda de sua leitura cuidadosa que me permitiu rever algumas questões. As falhas que o estudo possa apresentar são, porém, de minha inteira responsabilidade.

## Referências bibliográficas

- Berruto G. 2004, *Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*, Carocci, Roma.
- Bianchi F. 2015, *The narrator's voice in science documentaries: qualitative and quantitative analysis of subtitling strategies from English into Italian*, in "ESP Across Cultures" 12, pp. 7-32.
- Caliendo G. e Compagnone A. 2014, *Expressing epistemic stance in University lectures and TED talks: a contrastive corpus-based analysis*, in "Lingue e Linguaggi" 11, pp.105-122.
- Cortelazzo M. 1994, *Lingue speciali*, Unipress, Padova.
- D'Achille P. 2010, *L'italiano contemporaneo*, Il Mulino, Bologna.
- De Rosa G.L. (no prelo), *Características da fala acadêmica monitorada no Brasil: os videoverbetes da ENCIDIS entre PB técnico-científico e PB neo-standard*.
- De Rosa G.L. 2012, *Mondi Doppiati*, Franco Angeli, Milano.
- Gambier Y. 2007, *Le sous-titrage: une traduction sélective?*, in "TradTerm" 13, pp. 51-69.
- Georgakopoulou P. 2010, *Reduction Levels in Subtitling. DVD Subtitling: A Convergence of Trends*, Lambert Academic Publishing, Saarbrücken.
- Gotti M. 1991, *I Linguaggi Specialistici. Caratteristiche linguistiche e criteri pragmatici*, La Nuova Italia, Firenze.
- Gotti M. 2003, *Specialized Discourse. Linguistic Features and Changing Conventions*, Peter Lang, Bern.
- Gotti M. 2005, *Investigating Specialized Discourse*, Peter Lang, Bern.
- Gotti M. e Giannoni D.S. (eds.) 2006, *New Trends in Specialized Discourse Analysis*, Peter Lang, Bern.
- Gotti M. e Šarčević S. (eds.) 2006, *Insights into Specialized Translation*, Peter Lang, Bern.
- Gottlieb H. 1992, *Subtitling – a new university discipline*, in Dollerup C. and Loddegaard A. (eds.), *Teaching Translation and Interpreting 1*, John Benjamins, Amsterdam-Philadelphia, pp. 161-170.
- Gottlieb H. 1994, *Subtitling: Diagonal Translation*, in "Perspectives" 2:1, pp. 101-121.
- Katan D. 1999, *Translating Cultures. An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*, St. Jerome, Manchester.
- Kermas S. and Christiansen T. (eds.) 2013, *The Popularization of the Specialized Discourse and Knowledge across Communities and Cultures*, Edipuglia, Bari.
- Kovačić I. 1994, *Relevance as a factor in subtitling reductions*, in Dollerup C. and Loddegaard A. (eds.), *Teaching Translation and Interpreting 2*, John Benjamins, Amsterdam-Philadelphia, pp. 245-251.
- Lomheim S. 1999, *The writing on the screen. Subtitling: a case study from Norwegian broadcasting (NRK), Oslo*, in Anderman G.M. and Rogers M. (eds.), *Word, Text, Translation*, Clevedon, Multilingual Matters: pp. 190-207.
- Mariani B. (org.) 2016, *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em análise do discurso e áreas afins - investigação, inovação, divulgação*, Edições Makunaima, Rio de Janeiro.
- Mariani B. 2018, *Linguagem, conhecimento e tecnologia: a Enciclopédia Audiovisual da Análise do Discurso e áreas afins*, in "Linguagem & Ensino" v.21, n. esp., VIII SENALE, pp. 359-393.
- Perego E. 2005, *La traduzione audiovisiva*, Carocci, Roma.
- Rogers, M. 2015, *Specialised Translation*, Palgrave Macmillan.
- Sabatini F. 1990, *Rigidità-esplicitzza vs elasticità-implicitzza: possibili parametri massimi per una tipologia dei testi*, in Skytte G. e Sabatini F., *Linguística testuale comparativa*,



Museum Tusulanum Press, pp. 141-172.

Sabatini F. 2016, *Lezione di Italiano*, Mondadori, Milano.

Scarpa F. 2001, *La traduzione specializzata. Lingue speciali e mediazione linguistica*, Hoepli, Milano.

Schjoldager A.G., Gottlieb H. e Klitgård I. 2008, *Understanding Translation*, Academia Publications.

Sobrero A. A. 2006, *Lingue Speciali*, in Sobrero, A. A. (ed.), *Introduzione all'italiano contemporaneo. La variazione e gli usi. Vol. 2*, Laterza, Roma-Bari, pp. 237-277.

Vellutino D. 2018, *L'italiano istituzionale per la comunicazione pubblica*, Il Mulino, Bologna.